



CREPÚSCULO DO COMUNISMO?

News and World Report

O comunismo internacional, que a um só tempo fez se levantar nações e as submeteu, no decorrer deste século, enfrenta uma grave e perigosa crise, no limiar da década de 1980. Novas ameaças surgem no horizonte, não só para a União Soviética como para os Estados Unidos e todo o Ocidente, quando desde o Caribe ensolarado às frias estepes russas os problemas se multiplicam nos 17 países sob regimes comunistas.

Para muitos analistas, começa a esboçar-se nitidamente o perfil de uma doutrina em falência, incapaz de construir ou manter de forma eficiente uma economia moderna. E o processo de desmoronamento do império comunista, surgido após a Segunda Guerra, significa que o Ocidente terá de enfrentar o crescente risco de uso de seu poderio militar, por parte do Kremlin.

De fato, Moscou deverá tentar cada vez mais, conter e contrabalançar, pela forma das armas, as frustrações políticas e econômicas que se avolumam não só

nos países do Leste, como na própria "mãe Rússia", no que pode ser, nas palavras de um especialista americano, "o começo do colapso do bloco soviético".

Por toda a parte, nas nações comunistas, onde 1,4 bilhão de pessoas vivem em "economias de escassez", o sistema está se deparando com falhas e fracassos econômicos, e com o descrédito ideológico resultante.

Próximo ao litoral americano, em Havana, o líder cubano Fidel Castro enfrenta uma economia em plena depressão, incapaz de atender às necessidades de dez milhões de pessoas. Desempregados e infratores da lei são "exportados" para os EUA pelo Governo, que prevê no mínimo mais vinte anos de dificuldades.

Na Europa Ocidental, os partidos comunistas perdem influência, apesar de seus apelos nacionalistas, que visam a ganhar popularidade. Na Polônia, os operários desafiam os próprios fundamentos do regime, ao formarem um sindicato independente do Partido que, teórica-

mente, representa os interesses do proletariado.

O desprestígio do comunismo é tão grande, que só uma invasão russa pôde garantir o poder a um regime simpático a Moscou, no Afeganistão. Na China, 30 anos de maofismo trouxeram tanto tumulto e tão maus resultados, que uma reforma fundamental do sistema está sendo realizado pela nova liderança. E na Indochina, 1,2 milhão de refugiados são a prova do fracasso dos "libertadores" comunistas do Vietnã do Sul, Camboja e Laos.

Na "mãe Rússia", os sonhos se chocam com a dura realidade: ninguém mais crê no comunismo.

Na própria "mãe Rússia", a ideologia comunista perde credibilidade: a falta de gêneros alimentícios é apenas um dos sintomas de males econômicos que, segundo a revista inglesa "The Economist", "podem ser fatais". Na URSS de hoje, "só quem acredita aparentemente em marxismo são os professores do Instituto de Marxismo-Leninismo, cujo papel é justificar qualquer orientação do Kremlin", diz Mark Popovsky, jornalista russo que emigrou para o Ocidente.

A revolução bolchevista, além de não cumprir suas promessas de uma sociedade unida e sem classes, trouxe, na prática, sérios problemas sociais e econômicos e a "praga" da burocracia. A produção agrícola, além do mau tempo este ano, sofre o desestímulo das fazendas coletivas, um sistema que criou "fazendeiros" burocratizados, que pouco se incomodou com a produtividade.

A Ucrânia, cujo solo de terras negras e férteis fizeram outrora da Rússia o celeiro de cereais da Europa, hoje não atende sequer às necessidades soviéticas.

A superpotência importa milhões de toneladas de alimentos, e uma média de 9 milhões de toneladas anuais de cereais.

Além disso, a produtividade industrial soviética em 1979 desceu aos mais baixos níveis do pós-guerra, e espera-se pouca recuperação. Decaiu a produção de aço, carvão, cimento, madeira e outros produtos-chave industriais. A produtividade do trabalho alcançou apenas a metade do aumento previsto para fins da década de 1970. E o próximo plano quinquenal (até 1985) reflete expectativas econômicas bem mais modestas do que o anterior.

A produção centralizada frequentemente está em desacordo com a demanda. Em um só ano, 70 milhões de pares de sapatos "encalharam" no mercado, enquanto as donas-de-casa soviéticas se queixavam da falta de sabonete, papel sanitário e roupas infantis. As falhas do sistema econômico oficial estimulam uma economia de mercado clandestina, o desvio de mercadorias e os enormes lucros de grupos de atravessadores.

Mas, embora não satisfaça aos consumidores, o regime soviético nada deixa a desejar quanto à manutenção de uma fomedável máquina militar. As expensas da produção de bens do consumo, 15 por cento do produto nacional bruto soviético é destinado às despesas com a defesa — mais que o dobro do percentual de gastos americanos com o setor. O desenvolvimento militar tecnológico em muitas áreas é superior ao americano.

A URSS não é apenas uma rival à altura dos EUA em poderio nuclear estratégico. Dispõe de uma força convencional do dobro do tamanho da americana, de uma Marinha com um terço de unidades de superfície a mais do que os EUA, e de uma tecnologia que supera a americana em mísseis terra-ar, sistema

anti-satélite, tanques, veículos de combate, guerra química e minagem de áreas (terra e mar).

No entanto, isso é de pouco consolo para os soviéticos, nas longas fias diante dos armazéns, onde o mau-humor e as brigas são uma constante. Os problemas sociais não faltam, o alcoolismo, a vadiagem e os divórcios chegam a recordes.

As tradicionais soluções de "acelerar a produção" não poderão, porém, ser aplicadas na década de 80, em que se prevê carência de mão-de-obra, com o aumento da população em idade de trabalhar reduzindo-se de 2,3 milhões anuais em 1978 para 300 mil por ano, em meados dos anos 80.

"Com ou sem êxito, importa é que o movimento polonês marca uma virada decisiva no Leste europeu"

A etnia russa é hoje minoritária em um país que conta com cem nacionalidades, e os sentimentos nacionalistas crescem entre os não-russos, aumentando a preocupação do Kremlin. Os soldados soviéticos são recrutados sobretudo na Ásia Central, e há o perigo de as Forças Armadas soviéticas se tornarem híbridas: oficiais russos e tropas não-russas, o que poderá prejudicar a disciplina.

De algum modo, portanto, os líderes soviéticos terão de atender às reivindicações no país, em especial quando o movimento independente dos sindicalistas poloneses ganha terreno, e o "vírus da liberalização" ameaça espalhar-se pela Europa Oriental, apesar das 31 divisões do Kremlin que a policiam, e atingir mesmo a própria URSS.

Na verdade, conforme comentou Abraham Brumberg, ex-editor de "Problemas do Comunismo":

— Não importa que os poloneses tenham ou não êxito, o que está ocorrendo na Polônia é certamente a virada mais decisiva em termos de Europa Oriental e talvez em termos de comunismo mundial...

A exigência de sindicatos não-comunistas não só demonstra o insucesso econômico, mas ameaça o próprio espírito da doutrina comunista de estatização. Os poloneses não hesitam em assinalar que o controle centralizado da economia — pedra fundamental do sistema comunista — é o responsável pela situação caótica.

A paciência dos poloneses foi, ao que parece, esgotada por 33 anos de domínio comunista que levou o país à beira da catástrofe econômica. Erros administrativos e planejamento centralizado envenenaram e quase liquidaram a indústria e a agricultura. Uma campanha ambiciosa para modernizar a economia em uma década resultou em uma dívida externa de 21 bilhões de dólares (cerca de Cr\$ 1,3 trilhão), obrigando a Polónia a exportar carne, carvão e outros produtos, deixando de atender o mercado interno.

Os planejadores buscaram copiar o modelo soviético, para a modernização. Na verdade, o que conseguiram foi uma espécie de imitação dos problemas da URSS — em máxima intensidade. Escassez de moradia, falta de artigos de consumo como pão, papel higiênico, sabão, detergentes e tintas, e excesso de mercadorias que têm pouca procura; má qualidade dos produtos, um imenso mercado negro — estes os principais motivos da indignação popular.

O ressentimento é ainda maior porque o regime usa "dois pesos e duas medidas": burocratas e altos funcionários

têm acesso a lojas especiais, moradia e educação inatingíveis para o polonês médio. A frustração com esse "status quo" é evidente: em uma nação que deveria ser um "paraíso dos trabalhadores", 500 mil abandonam os empregos, anualmente; o absentismo é crescente, e o alcoolismo, um sério problema social.

As autoridades dos demais países comunistas do Leste europeu tomaram providências para evitar agitações semelhantes à polonesa. Na Alemanha Oriental, uma greve ferroviária foi sufocada, e a fronteira — com a Polônia controlada com rigor — medida que a Tchecoslováquia também adotou.

A Hungria, onde a economia mistura socialismo e elementos ocidentais, o regime acelerou a autonomia sindical, com cuidado para não atrair as iras do Kremlin. Mas mesmo que o "liberalismo polonês" não se espalhe, os analistas vêem os acontecimentos em Varsóvia como um primeiro sinal da desintegração do mundo comunista.

Embora as condições da Polônia sejam talvez únicas, com a influência exercida pela Igreja Católica, os observadores acreditam que os trabalhadores poloneses estão fazendo denúncias sobre males do comunismo que se fazem sentir também em outros países. Quer a URSS intervenha ou não, sua liderança e seu império estão em jogo.

Na China, o pragmático Deng Xiaoping prefere trocar a ideologia pela "verdade dos fatos"

Ao mandar desmontar os imensos retratos de Karl Marx e Friedrich Engels na Praça da Paz Celestial, as autoridades de Pequim deram uma demonstração de que estão dispostas a ir bem longe para

apagar o passado de tumultos, e tentar um novo caminho para modernizar o país.

A era da ideologia maoísta deixou a China em tal desordem, após os conflitos da "Revolução Cultural", que a nova liderança chinesa se viu forçada a voltar-se para o "socialismo científico". Como disse o "Diário do Povo": "Só com o desenvolvimento do marxismo será possível dar uma resposta aos problemas que a vida real coloca".

A "pureza ideológica" cede assim lugar aos esforços para modernizar a agricultura, a tecnologia, a indústria e a defesa. E afastando-se do pensamento ortodoxo doutrinário, Deng Xiaoping, o vice-presidente do PC e "homem forte" do regime, recomenda não a leitura das obras de Marx, mas sim "buscar a verdade dos fatos".

A revisão do passado e sua rejeição é o que significa o julgamento da "Camarilha dos Quatro", liderada pela viúva de Mao Tsé-tung, Jiang Qing — na verdade, um julgamento indireto do próprio Mao. Além disso, Deng vem procurando separar o Governo do Partido — uma manobra tão importante e com tantas conseqüências, no contexto comunista, quanto foi a separação entre Igreja e Estado na Europa.

Os gerentes das fábricas estão tendo autonomia, em estilo ocidental, em uma tentativa do regime de aumentar a eficiência. "Queremos modificar inteiramente o regime, de modo que o Partido não se intrometa no sistema administrativo, e não queremos que a parte administrativa fique sob o comando dos comitês partidários" — explica Xiaoping.

A China está se afastando da ortodoxia ainda em outras áreas. Noções capitalistas de economia de mercado, incentivos à produção etc. estão sendo adota-

das. Estimativas bem calculadas substituíram o otimismo grandiloquente quanto ao crescimento econômico, e os desejos de aproximação e comércio com o Ocidente são demonstrados às claras.

O apoio chinês à chamada "revolução mundial" também se modificou, e Pequim aprova os chamados "caminhos independentes" de outros países para o comunismo, ao contrário de Moscou, que continua em boa medida a insistir no modelo soviético.

Pequim reduziu o auxílio a boa parte das guerrilhas comunistas no Sudeste da Ásia, deixando às forças locais a tarefa de fazerem suas próprias revoluções. Implicitamente, os chineses aceitaram as reivindicações polonesas, citando as "circunstâncias históricas diversas" em que se desenvolveu o comunismo na Polônia.

Mas, apesar de uma política mais pragmática, e da censura menos rigorosa, os problemas não faltam, na China. Há escassez de divisas estrangeiras, e também de energia elétrica — o que faz com que as fábricas sejam obrigadas a operarem abaixo de sua capacidade. A inflação está se fazendo sentir, devido aos aumentos dos preços dos produtos agrícolas importados e aos maiores salários.

A desilusão substituiu hoje o antigo entusiasmo que o comunismo despertava no Terceiro Mundo

O entusiasmo que a doutrina marxista despertava nos países subdesenvolvidos da América Latina, África e Indochina está se desvanecendo. A desilusão com o comunismo resultou não só do oportunismo de Moscou, como do nacionalismo e da crescente conscientização desses países, que recusam o domínio seja de quem for. Antigas colônias,

as nações em desenvolvimento querem o máximo de ajuda militar e econômica com o mínimo de compromisso político.

A experiência de socialismo acelerado de Fidel Castro em Cuba, causou tanta hostilidade por parte de interesses privados americanos, que o próprio líder cubano vem advertindo outras nações para que evitem provocar tais reações. Os 20 anos de regime castrista deixaram uma economia de escassez crônica, em grande medida dependente do Kremlin.

Mais de um milhão de pessoas deixou o país desde 1959, enquanto Castro tentava a industrialização do tipo soviético, antes de voltar à economia baseada na produção de açúcar. Esse processo de retorno ainda está em meio, com a renda nacional passando a ser aplicada em bens de consumo, ao invés de bens de capital, os artesãos obtendo permissão para trabalhar por conta própria, entre outras medidas.

O comunismo da "marca Moscou" já não encontra receptividade na Ásia, onde as suspeitas quanto às intenções dos soviéticos tomaram o lugar da antiga fascinação pelo sistema russo e da confiança no altruísmo do Kremlin. A influência comunista é agora visível e concreta, através do envio de tropas cubanas, conselheiros militares e armas, e não mais se mede pela capacidade de inspirar sonhos.

A tendência do bloco do Leste para fornecer assistência militar, em lugar da tão necessária ajuda para o desenvolvimento, é outro motivo de decepções. O auxílio militar da URSS aos países africanos do sub-Saara foi de 600 milhões de dólares só no ano de 1977, contra 21 milhões de dólares em ajuda econômica no mesmo período.

Por outro lado, a URSS comercia menos com a África negra hoje do que há uma década, privando os países em desenvolvimento dos mercados e rendas de que necessitam para pagar empréstimos contraídos a fim de se desenvolverem.

Nos países africanos, é crescente o repúdio às atitudes racistas e ao colonialismo soviéticos

"Mesmo nos países onde já se enraizou a chamada 'amizade coletiva' está se tornando muito claro que os russos visam a introduzir o colonialismo econômico na África", comentou o "Daily Nation", jornal independente do Quênia, há poucas semanas. E há ainda a questão da alegada discriminação contra os negros por parte dos soviéticos.

É voz corrente que muitos africanos jovens, estudantes em Moscou, regressam da capital da URSS contando histórias sobre como foram destratados devido a sua cor. "De modo geral, os africanos notam sinais de latente racismo nas atitudes dos russos para com as pessoas de cor", segundo Clin Legun, escritor britânico especialista em África.

Assim, mesmo em Angola, Moçambique e na Etiópia, onde os regimes pró-soviéticos detêm o poder, os governantes mesclam características do Leste e do Oeste, e procuram evitar o envolvimento na rivalidade entre as superpotências.

Na Indochina, o comunismo está sendo também repudiado por forças locais. Embora Hanói culpe as calamidades naturais e a "interferência externa" pelas dificuldades econômicas, estas são consequência de graves erros. A tentativa de impor um socialismo ao estilo soviético, baseado na industrialização, à economia agrária no Vietnã simplesmente não

funcionou. Um milhão de refugiados deixaram o país.

Hanói perdeu ainda grande número de técnicos e especialistas em diversos setores, em razão das suspeitas constantes quanto a qualquer pessoa com vínculos, os mais remotos que fossem, com o Ocidente. A corrupção tornou-se lugar-comum na Cidade de Ho-Chi-Min, a ponto de o Conselho do Povo ter forçado, há um ano, a lançar uma campanha contra o "negativismo, burocratização, a prática do roubo, suborno, contrabandos e especulação financeira" entre os quadros.

Em todos os demais pontos da região, o comunismo está na pior fase de "maré baixa", em anos. A guerra de Hanói contra os rebeldes do Khmer Vermelho, no Camboja, transformou aquele país em uma nação de famintos agonizantes.

Na Malásia calcula-se que três mil comunistas estão divididos por divergências quanto à liderança e questões raciais; os comunistas da Indonésia contam com mais apoio no exterior do que em seu próprio país, e em Burma os militantes comunistas passaram a dedicar-se ao comércio de ópio, para financiarem sua revolução, depois da redução da ajuda chinesa.

Analistas temem que a crise mundial do marxismo leve ao endurecimento da política da URSS

As frustrações para o comunismo, em todo o mundo, marcam o surgimento de novos desafios para os Estados Unidos, e não, como se poderia imaginar, o fim das dificuldades hoje existentes. Apesar da economia em má situação, o poderio militar soviético continua a crescer.

A invasão soviética do Afeganistão, o apoio às tropas cubanas na África e a concentração de soldados soviéticos próximo à fronteira da Polónia são exemplos do que os analistas ocidentais qualificam de crescente disposição da URSS para o recurso à "política armada".

O Kremlin está aumentando suas forças estratégicas, o número de seus mísseis intercontinentais de base terrestre, o número de seus bombardeiros de médio alcance "Backfire", e seu arsenal nuclear, em geral. Está em andamento, também, um ambicioso programa soviético de missões especiais tripulares, em preparação para uma estação orbital — realizações que podem ter aplicações militares.

A URSS conta com 4,2 milhões de homens em armas, e pessoal militar de segurança interna, e está reforçando também sua Marinha, que dispõe agora de dois porta-aviões e 289 outros navios de superfície, contra 173 belonaves americanas e treze porta-aviões.

Levando em consideração todo esse poderio militar, alguns analistas prevêem choques regionais entre as superpotên-

cias. Como explica George Kenan, especialista em assuntos soviéticos:

— Infelizmente, a experiência já provou que em conflitos menores, em áreas remotas, onde estão em jogo objetivos limitados, e não totais, as forças armadas, em escala limitada, poderão continuar a desempenhar um certo papel, quer isso nos agrade ou não.

Permanece um outro desafio, além disso: em muitos países em desenvolvimento, os marxistas alinham-se às forças da justiça e da mudança. Há forças marxistas liderando esforços reformistas na América Central, uma área madura para futuros regimes esquerdistas. E cerca de 45 mil cubanos, dos quais três quartos militares, estão trabalhando ou combatendo em 14 países africanos.

Nos países centro-americanos, a aliança entre lideranças comunistas e outras correntes pode ser bem ilustrada pelo exemplo da Nicarágua, onde as guerrilhas sandinistas, embora com uma ala marxista, tornaram-se o braço armado da coalizão combatente, que reunia homens-de-negócio, camponeses, e a Igreja Católica, com a meta comum de derru-

COMPARAÇÃO ENTRE O PODERIO MILITAR AMERICANO E O SOVIÉTICO

	EUA	URSS
Forças armadas	2.050.000	△ 4.158.000
Bombardeiros e lança-mísseis estratégicos	2.048	2.557
Ogivas nucleares estratégicas	7.301	6.000
Tanques	12.300	50.000
Submarinos	81	257
Belonaves de superfície (principais)	173	289
Aviões de combate tático		5.775

△ Inclusive guardas de fronteira

Dados: Instituto Internacional de Estudos Estratégicos

bar Anastasio Somoza. Em El Salvador, igualmente, a classe média está aderindo a movimentos esquerdistas, convencida de que assim conseguirá transformações sociais e econômicas que há muito se fazem necessárias. E na Guatemala, os grupos guerrilheiros de inspiração marxista conseguem recurtar as populações das aldeias indígenas, revoltadas com a ditadura militar que assassina os que favorecem mudanças.

Resta saber qual será, a longo prazo, o resultado final, descontados os ganhos soviéticos com esses movimentos revolucionários da decadência de atrativos que parece marcar o envelhecimento da ideologia marxista.

De qualquer forma, como assinala Kenan, "passou ou está passando aquele fervor revolucionário que caracterizou os inícios do poder soviético. Mesmo os esforços da URSS para conquistar influência no Terceiro Mundo são vistos,

primordialmente, em termos de seus efeitos quanto ao equilíbrio mundial do poderio militar".

Uma coisa é certa, neste momento em que Ronald Reagan, o novo presidente americano, se prepara para tomar posse, à frente de um Governo republicano: a crise que o comunismo mundial começa já a atravessar, nos anos 80, embora possa ser saudada por alguns países do Ocidente, não representa um alívio para os EUA e seus aliados, quanto à ameaça militar russa.

Ao contrário, essa ameaça poderá ser intensificada, caso a liderança do Kremlin, insegura e frustrada pelos fracassos econômicos e ideológicos, se decidir a buscar maior apoio ao poderio militar para, a partir de posições de força, procurar impor-se frente ao Ocidente.

(Publicado no "O Globo" em 21/12/80)

nis
ted
def
mu

log
oce
rica
mer
nav
a c
seja
por
mig
pelo
gõe
esta
eran
corn
segu